



Rfb
Editora



EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS

FELIPE DA COSTA NEGRÃO
RÚBIA INÁCIO LOPES

(ORGANIZADORES)



EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS

Felipe da Costa Negrão
Rúbia Inácio Lopes
(Organizadores)

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS

1ª Edição

Belém-PA



2021

<https://doi.org/10.46898/rfb.9786558890416>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

E24

Educação ambiental em produções audiovisuais [recurso digital] / Felipe da Costa Negrão, Rúbia Inácio Lopes (Organizadores). -- 1. ed. -- Belém: RFB Editora, 2021.

1.046 kB; PDF: il.

Inclui Bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web.

ISBN: 978-65-5889-041-6

DOI: 10.46898/rfb.9786558890416

1. Ambiente. 2. Educação. 3. Pesquisa. 4. Estudo.
I. Título.

CDD 372.357



Nossa missão é a difusão do conhecimento gerado no âmbito acadêmico por meio da organização e da publicação de livros digitais de fácil acesso, de baixo custo financeiro e de alta qualidade!

Nossa inspiração é acreditar que a ampla divulgação do conhecimento científico pode mudar para melhor o mundo em que vivemos!

Equipe RFB Editora

Copyright © 2021 da edição brasileira.
by RFB Editora.

Copyright © 2021 do texto.
by Autores.

Todos os direitos reservados.



Todo o conteúdo apresentado neste livro, inclusive correção ortográfica e gramatical, é de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es).

Obra sob o selo *Creative Commons*-Atribuição 4.0 Internacional. Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - UFOPA (Editor-Chefe).

Prof.^a Dr.^a. Roberta Modesto Braga - UFPA.

Prof. Me. Laecio Nobre de Macedo - UFMA.

Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida - UFOPA.

Prof.^a Dr.^a. Ana Angelica Mathias Macedo - IFMA.

Prof. Me. Francisco Robson Alves da Silva - IFPA.

Prof.^a Dr.^a. Elizabeth Gomes Souza - UFPA.

Prof.^a Me. Neuma Teixeira dos Santos - UFRA.

Prof.^a Me. Antônio Edna Silva dos Santos - UEPA.

Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa - UFMA.

Prof. Dr. Orlando José de Almeida Filho - UFSJ.

Prof.^a Dr.^a. Isabella Macário Ferro Cavalcanti - UFPE.

Diagramação:

Laiane Borges.

Arte da capa:

Pryscila Souza.

Imagens da capa:

www.canva.com

Revisão de texto:

Os autores.



Home Page: www.rfbeditora.com.

E-mail: adm@rfbeditora.com.

Telefone: (91)3085-8403/98885-7730.

CNPJ: 39.242.488/0001-07.

Barão de Igarapé Miri, sn, 66075-971, Belém-PA.



SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	9
<i>Ma. Priscila Eduarda Dessimoni Morhy</i>	

CAPÍTULO 1

CONSUMO INCONSCIENTE E GERAÇÃO DE RESÍDUOS: ANÁLISE DO FILME WALL-E.....	11
---	-----------

*Ana Lara Martins de Souza
Anderson Eduardo Baima Pereira
Antonia Adrielle da Silva Reis
Jéssica Barbosa Sabóia
Letícia Costa de Oliveira
Rayanni Barroso Viana
Felipe da Costa Negrão
DOI: 10.46898/rfb.9786558890416.1*

CAPÍTULO 2

A ERA DO GELO: UMA ANÁLISE SOBRE A SOBREVIVÊNCIA DO HOMEM E A NATUREZA	17
---	-----------

*Fernanda Cavalcante Gama
Larissa Oliveira de Sousa
Marcela de Lima Silva
Marilin Pereira de Souza e Souza
Odelane Lima de Oliveira
Felipe da Costa Negrão
DOI: 10.46898/rfb.9786558890416.2*

CAPÍTULO 3

PASSEANDO PELO MUNDO E REFLETINDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA INSERÇÃO DAS CRIANÇAS NA NATUREZA: UMA ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO “O COMEÇO DA VIDA 2: LÁ FORA”	23
--	-----------

*Andreza Tavares Leal
Daniely Hannah Alencar de Almeida
José Lucas Bentes da Cunha
Norita Rodrigues de Oliveira
Felipe da Costa Negrão
DOI: 10.46898/rfb.9786558890416.3*

CAPÍTULO 4

PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS, TRANSFORMAÇÃO E QUALIDADE DE VIDA: UMA ANÁLISE DO FILME “O MENINO QUE DESCOBRIU O VENTO”	31
--	-----------

*Beatriz da Paz Queiroz Sardinha
Bruna Milena da Silva Nogueira
Joyce da Costa Moreira
Kátia Cristina de Menezes Santos
Felipe da Costa Negrão
DOI: 10.46898/rfb.9786558890416.4*

CAPÍTULO 5

A REALIDADE DOS CATADORES DE LIXO EM JARDIM GRAMACHO: CONTRIBUIÇÕES PARA A SOCIEDADE, RISCOS DA PROFISSÃO E UMA VISÃO HUMANIZADORA SOBRE A ROTINA DESSES TRABALHADORES.....	39
--	-----------

*Amanda dos Santos Cavalcante
Ana Beatriz dos Santos Gouvêa*



Débora Silva dos Santos
Suelen da Silva Moreira
Mateus da Silva Dias
Felipe da Costa Negrão
DOI: 10.46898/rfb.9786558890416.5

SOBRE OS AUTORES	47
ÍNDICE REMISSIVO	50

PREFÁCIO

Tive a grande satisfação de ser convidada pelo Professor Felipe da Costa Negrão para prefaciar este *ebook*, que aborda a Educação Ambiental a partir de produções audiovisuais, por duas razões principais, a primeira por ser Educadora Ambiental e desenvolver projetos e programas que contribuem para a disseminação de forma transversal das questões ambientais, e a segunda por acompanhar a trajetória acadêmica e científica do idealizador deste livro.

O título do livro é instigante e seu conteúdo é divertido e curioso, sem abrir mão do teor e critério científico. Nunca é demais reforçar a importância da Educação Ambiental como via de transformação social, econômica e ambiental, esta tríade que faz parte de nossas vidas diariamente, mas que, muitas vezes são esquecidas pelo poder público ou ainda trabalhadas de maneira fragmentada em espaços escolares. Embora, os autores estejam estudantes de graduação, em suas escritas a sensibilidade transpassa verdade, bem como, o desejo de fazer diferença enquanto educadores.

Os autores ousaram e inovaram ao trazer produções audiovisuais como ferramentas pedagógicas para desenvolver assuntos e/ou temáticas as quais são urgentes e necessárias para trabalhar a EA, tal inovação deve permear a rotina dos nossos estudantes nos espaços educativos de ensino. Não há desenvolvimento sustentável, tampouco equidade social, econômica e ambiental, se não fomentarmos tais questões na educação básica, assim, esse olhar deve ser afluído nos educadores em sua formação inicial. É necessário sair do conforto e da passividade enquanto “ser professor”, nada neste mundo está ou é pronto e acabado, mas encontra-se em constante transformação, desse modo é preciso ousar e inovar em nossas posturas, atitudes e hábitos, pois não se trata mais de fazer por fazer, mas sim de fazer para sobreviver.

Estou convencida de que a publicação desta obra contribuirá para novas reflexões, comportamentos e práticas pedagógicas diferenciadas acerca da Educação Ambiental, valorando sempre a Ciência em nosso “fazer pedagógico”. Educar ambientalmente um indivíduo é transpor nossas próprias barreiras e limitações enquanto seres humanos, é aflorar o sentimento mais intrínseco de puro pertencimento à natureza e a tudo que ela nos concede diariamente, como também o respeito a todos os seres vivos os quais coexistimos e dividimos nossa única casa o “Planeta Terra”.

Assim, finalizo esse prefácio com uma mensagem de Confúcio “Se você tem metas para um ano plante arroz, se você tem metas para dez anos plante uma árvore, se você tem metas para cem anos eduque uma criança, agora se você tem meta para mil anos, preserve o meio ambiente”. Meu desejo é que eduquemos as crianças, para que

possamos então preservar, cuidar, amar e ter gratidão genuína pela natureza e pelas pessoas.

Quais são as marcas que você pretende deixar de herança no planeta? Pois são elas que farão diferença no futuro. Vamos juntos (as)?

Ma. Priscila Eduarda Dessimoni Morhy

Universidade Federal do Amazonas

Brasil Sustentável Editora

CAPÍTULO 1

CONSUMO INCONSCIENTE E GERAÇÃO DE RESÍDUOS: ANÁLISE DO FILME WALL-E

*Ana Lara Martins de Souza
Anderson Eduardo Baima Pereira
Antonia Adrielle da Silva Reis
Jéssica Barbosa Sabóia
Letícia Costa de Oliveira
Rayanni Barroso Viana
Felipe da Costa Negrão*

DOI: 10.46898/rfb.9786558890416.1

INTRODUÇÃO

Este capítulo tem por objetivo elaborar uma análise da produção audiovisual “*Wall-e*”, lançada em 2008 pela *Pixar Animation Studios*, pertencente à *Walt Disney Company*, a partir de discussões desenvolvidas no âmbito da disciplina de Educação Ambiental, oferecida pelo curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). O filme em questão evidencia como tema central o consumo inconsciente e a consequente geração exacerbada de resíduos. Sendo assim, para a construção deste texto foram realizadas leituras sobre educação ambiental, bem como consumo e geração de resíduos. Destaca-se a importância de tais discussões que passem a rotina dos cursos de graduação em Pedagogia e do currículo escolar das instituições de ensino, no que tange ao tema proposto.

A história do filme se passa no futuro, entre os anos de 2805 a 2810. O personagem *Wall-e* é um robô produzido no ano de 2100 com a função de limpar a Terra que ficou desabitada e coberta por resíduos e poluentes tóxicos, resultado do consumo inconsciente e em larga escala da humanidade, facilitado pela corporação BnL. Em sua rotina diária, ele guardava peças que julgava ser necessárias, inclusive as essenciais para sua própria manutenção.

Tão logo o robô adquire características humanas: passa a ter uma rotina diária de trabalho mediante a compactação de resíduos; adota um bichinho de estimação que é uma barata; tem sua própria casa; gosta de assistir musicais românticos; e se apaixona por Eva, um robô mais sofisticado. Por sua vez, Eva vem do espaço, pois a população sobrevivente da Terra precisou ser realocada para a nave *Axiom*, devido ao número exacerbado de resíduos e poluentes tóxicos que ocupam todo o planeta. Ela foi mandada para a Terra em busca de algum vestígio de que a Terra estaria pronta para ser habitada novamente, possuindo uma diretriz de procura por uma espécie confirmada de fotossíntese.

O filme traz uma importante discussão para os dias atuais que é, justamente, o modo como cuidamos do nosso planeta e as possíveis consequências futuras das nossas ações. A seguir, será realizada uma breve articulação do filme com a revisão de literatura embasada em documentos importantes na área da Educação Ambiental.

IMPACTOS AMBIENTAIS PROVENIENTES DO CONSUMO INCONSCIENTE: GERAÇÃO DE RESÍDUOS

O tema central da produção audiovisual “*Wall-e*” é o consumo inconsciente e a geração de resíduos de forma desenfreada, os quais evidenciam a impossibilidade da continuação da vida humana na Terra. O filme retrata, apesar de ser ficção, uma reali-

dade talvez não tão distante dos dias atuais, uma vez que os recursos naturais estão se esgotando e a ambição humana pelo dinheiro e poder faz diariamente com que a natureza e os recursos naturais se esgotem, gerando grandes impactos ambientais. Nesse contexto, deve-se compreender que a indústria cultural tem uma forte influência nos aspectos consumistas dos seres humanos, e este processo está intimamente relacionado a questões econômicas, sociais, políticas, ideológicas, entre outras.

Pinto e Zacarias (2010, p. 4) afirmam que:

Uma das principais contradições do sistema do capital na atualidade é o crescimento da produção a todo custo e o aniquilamento dos recursos naturais. A destruição incontrolável desses recursos gera sérios problemas ambientais em escala globalizada: aquecimento da terra, desflorestamento, contaminação de rios e mares, desertificação, extinção de fauna e flora, perda da biodiversidade entre outros, colocando em risco a vida no planeta.

Como resultado da degradação causada pelos seres humanos ao nosso ecossistema e à natureza, a Terra ficou sem condições ambientais para que as pessoas continuassem habitando-a, devido à grande produção de lixo e consumo inconsciente, evidenciando que as pessoas se preocuparam apenas em extrair cada vez mais os recursos da natureza para potencializar o consumo excessivo, resultando em grande produção de resíduos, causando impactos irreversíveis à natureza. Como consequência, o enredo do filme alude sobre o lançamento de gases tóxicos na atmosfera terrestre que acabaram contaminando o solo e os recursos fluviais, fazendo com que os seres humanos buscassem meios de sobrevivência em outros locais fora da Terra.

Diante desta análise, Pinto e Zacarias (2010, p. 42) elucidam ainda que:

Uma posição hegemônica, defendida por setores reformistas, entende que o cerne da destruição ambiental está ligado às seguintes causas: ao desperdício de matéria e energia, aos limites físicos e naturais dos recursos naturais, ao excesso da população, aos altos padrões de produção e ao consumo, dentre outros. Nessa concepção, esses problemas são causados por uma disfunção que dificulta compatibilizar desenvolvimento e proteção do meio ambiente. Portanto, a chamada crise ambiental está ligada ao estilo de desenvolvimento vigente considerado insustentável.

Sob estas nuances, a animação destaca uma triste situação em que os seres humanos conduziram a vida na terra, contrapondo-se à questão sustentável de valorização da vida e do meio ambiente, deixando de lado toda a ideia de equilíbrio e sensibilização ambiental. E a complexidade de enfrentamento dos problemas ambientais trazidos no decorrer do filme proporciona a reflexão de que pode haver uma solução para o excessivo acúmulo de resíduos, mas em curto prazo, dificilmente poderíamos criar máquinas para arcarem com a irresponsabilidade de nossos atos que inviabilizam a sustentabilidade do nosso planeta, que na grande maioria das vezes, não pensamos nas consequências futuras.

Contudo, algumas discussões precisam ser levantadas para que os problemas citados acima possam ser reduzidos, disseminando a consciência de que precisamos ficar alertas enquanto podemos ter noção da complexidade da nossa situação ambiental, onde cada um faça sua parte, colaborando para que a vida na terra tenha suspiros e que sejam eles de longo prazo.

Quando pensamos na valorização do mundo natural, é indispensável elucidar os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), claro que eles atuando de forma singular não serão elementos suficientes para que a sociedade globalizada possa nutrir-se das ideias de valorizar os poucos recursos naturais que ainda nos restam. As pessoas devem aprender a entender o complexo mundo em que vivem. Elas precisam ser capazes de colaborar, falar e agir para a mudança positiva (UNESCO, 2015). Podemos chamar essas pessoas de “cidadãos da sustentabilidade” (WALS, 2015).

Diante destes desdobramentos, os ODS têm fundamental importância para que a informação sobre a valorização dos recursos naturais seja potencializada. É fundamental definir objetivos de aprendizagem específicos para os diferentes ODS. Mas também devemos lembrar que esses objetivos não devem ser vistos como isolados das competências-chave de sustentabilidade que apoiarão a transição para um mundo sustentável. Os objetivos de aprendizagem e competências-chave devem ser trabalhados em conjunto.

Um dos objetivos, o de número “12”, está relacionado com o “Consumo e Reprodução Sustentáveis”, nele são trazidas algumas informações necessárias, um ótimo repertório para o educador desenvolver em sala de aula. As ideias postas neste objetivo fazem com que tenhamos a noção de que é possível consumir conscientemente, e para além disso, reproduzir a ideia de que o ser humano possa passar essas informações adiante, almejando o equilíbrio da ação do homem para com o mundo natural, consumindo somente o necessário, repensando os atos e aumentando os cuidados com a natureza. O filme *Wall-e* retrata muito bem um problema que poderia ser evitado, por isso, precisamos externar cada vez mais nossa sensibilidade ambiental e colaborar de forma significativa com o nosso planeta terra.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A terra apresentada no filme *Wall-e* é resultado de anos de consumo desenfreado, destruição dos recursos naturais, tornando a Terra um planeta inóspito. *Wall-e* é um robô responsável pela limpeza da terra e seu único “amigo” é uma barata, que possivelmente foi um dos únicos seres vivos que suportou a destruição do meio ambiente.

Os humanos partiram para o espaço e permaneceriam lá até a Terra se recompor em um lugar habitável. No filme é perceptível que a operação limpeza na terra não obteve resultados significativos, tendo como último robô compactador de lixo o próprio *Wall-e*, isso nos leva a refletir sobre a responsabilidade que cada um tem sobre os resíduos que produz, o quão difícil é recuperar o ambiente, e como impedir que algo parecido aconteça com o nosso planeta. Posteriormente, no filme é evidenciado como os humanos estão vivendo numa espaçonave, totalmente dependentes das máquinas e até mesmo com sua estrutura óssea e corporal modificada causada por anos de sedentarismo.

O robô Eva surge como um elemento de esperança, tendo como principal objetivo procurar evidências que a Terra possui chances de se recuperar. Eva acha a planta que o *Wall-e* guardava em seus pertences pessoais e leva para a espaçonave para apresentar ao capitão.

O capitão não tinha conhecimentos sobre como era a Terra, levando em consideração a quantidade de tempo que os seres humanos estavam no espaço e neste momento é necessário fazer um paralelo com nossa realidade atual em que grande parte da população não está interessada em conhecer sobre o seu próprio planeta e não compreende ou ignora como é importante preservá-lo. Uma das cenas que chama atenção é a que o capitão enfrenta o piloto automático e diz que ele deseja viver e não sobreviver como a máquina queria.

Capitão: “A nossa casa é lá! A nossa casa é lá, Auto. E tá com problemas. E eu não posso ficar aqui sem fazer nada. É só o que eu tenho feito, é o que todos têm feito, nada!”.

Auto: “Na Axiom vocês sobreviverão!”.

Capitão: “Eu não quero sobreviver, eu quero viver!”.

Esta fala nos fez refletir sobre o desejo de mudança do capitão naquele futuro mostrado no filme, que a vida fútil que levava já não estava mais sendo o suficiente para sua existência ter sentido, isso mostra esse desejo de mudança renascendo nele, o que nos faz ter um pouco de esperança e que esse sentimento se propague em mais humanos, para que nosso futuro não se assemelhe ao do filme.

É evidente a importância da Educação Ambiental, campanhas e programas de orientação sobre sustentabilidade, pois desta forma se estabelece para a sociedade uma diretriz para construir um futuro bom para as gerações posteriores.

Partindo de uma visão pedagógica, o filme se apresenta como um bom recurso de entretenimento que de forma natural e lúdica possibilita instigar nos estudantes a reflexão e sensibilização ambiental, podendo se trabalhar a busca de soluções para a

problemática ambiental, fazê-los refletir sobre a questão do consumismo desenfreado, sendo interessante trazer as questões vividas no dia a dia dos estudantes, como os problemas ambientais que os mesmos vivenciam em sua cidade. O filme traz esse sentimento de reflexão sobre o que fazemos e o que deixamos de fazer para que a melhoria/preservação do meio ambiente aconteça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da animação infantil cinematográfica “*Wall-e*”, realizada mediante a disciplina Educação Ambiental, ofertada pelo curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), proporcionou a reflexão enquanto pedagogos e professores em formação, tendo em vista a abertura de novos horizontes de pensamentos em relação à prática profissional: a partir de um filme infantil, possibilitam-se ponderações necessárias no que tange as discussões relacionadas à Educação Ambiental.

O exercício de escrita desse texto proporcionou a articulação com o conteúdo ministrado durante as aulas da disciplina Educação Ambiental e de maneira lúdica nos sensibilizou sobre problemáticas ambientais sérias e complexas, pois retrata as consequências do consumo inconsciente e exacerbado, reflexo do capitalismo, que ao incentivar o consumo cada vez maior, gera mais resíduos que prejudicam o meio ambiente

REFERÊNCIAS

PINTO, Vicente; ZACARIAS, Rachel. Crise Ambiental: Adaptar ou transformar? As diferentes concepções de educação ambiental diante deste dilema. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 39-54, set 2009/fev 2010.

UNESCO. **Rethinking education. towards a global common good?** Paris, 2015.

WALS, A. E. J. **Beyond unreasonable doubt: education and learning for socio-ecological sustainability in the Anthropocene.** Wageningen: Wageningen University, 2015.

CAPÍTULO 2

A ERA DO GELO: UMA ANÁLISE SOBRE A SOBREVIVÊNCIA DO HOMEM E A NATUREZA

*Fernanda Cavalcante Gama
Larissa Oliveira de Sousa
Marcela de Lima Silva
Marilin Pereira de Souza e Souza
Odelane Lima de Oliveira
Felipe da Costa Negrão*

DOI: 10.46898/rfb.9786558890416.2

INTRODUÇÃO

A escolha do filme “A era do gelo 1” se deu pelo anseio de aprofundar-se a partir da ótica da educação ambiental, que somente é possível através da análise da obra, compreendendo assim, o contexto histórico e suas transformações. Deste modo, este capítulo serve como fonte de auxílio e redefinição de materiais e conteúdos para professores e futuros professores, que diante da prática educativa podem utilizar este e/ou outros filmes objetivando abstrair conhecimentos a partir de material atrativo e ir para além do universo cômico e do entretenimento, vislumbrando conhecer a história, as relações educativas e as percepções das modificações da natureza ao longo dos anos.

O texto foi desenvolvido mediante o caráter qualitativo, partindo de uma análise problematizadora, pois “debatem-se questões afins que os estudantes podem associar ao texto. Podem também ser colocadas opiniões pessoais, dos estudantes e do professor, sobre as questões abordadas, baseadas em outros textos, obras e autores” (LAKATOS, 2003, p. 32).

O contexto do filme é o período gélido, conhecido por várias fases de lentas e abruptas mudanças climáticas. Há estudos voltados para o registro cronológico a partir das evidências geológicas, que inclusive, possibilitou a montagem de um mamute pelo naturalista Tilesius em 1808, uma das espécies extintas dessa era, permitindo compreender que os animais migraram para outros locais na tentativa de fugir do congelamento e sobreviver às mudanças climáticas.

Com as observações feitas durante a análise do filme, pudemos identificar vários elementos que nos remete à Educação Ambiental. Podemos destacar que:

A educação ambiental acompanha e sustenta de início o surgimento e a concretização de um projeto de melhora da relação de cada um com o mundo, cujo significado ela ajuda a construir, em função das características de cada contexto em que inter-vém (SAUVÉ, 2005, p.5).

O filme em análise demonstra que a educação ambiental se alia com o sujeito individual em busca de mudanças positivas para o coletivo, levando soluções de encontro aos problemas encontrados no ambiente de cada um. No que se refere ao filme, com a ajuda do mamute Manny, a preguiça Sid e do tigre dente-de-sabre Diego, que juntos trabalham para salvar o bebê e entregá-lo ao seu pai. E a partir disso cria-se uma relação de afeto e repensabilidade social um com o outro.

A sensibilidade, a empatia e o cuidado entre as pessoas e os animais protagonistas é nítido no decorrer do filme. E a educação ambiental também é isso. Esse olhar

sensível para o outro, que devemos pensar e se dispor a ajudar o outro para que tenhamos um mundo mais humano.

Temos que reforçar que a Educação Ambiental não se trata apenas de uma matéria ou elemento isolado, e sim de algo que perpassa e/ou deveria perpassar toda nossa existência. Pois educação ambiental refere-se a tudo que está ao nosso redor.

A ERA GLACIAL E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A Era do Gelo 1 foi lançado no ano de 2002, dirigido por Chris Wedge e Carlos Saldanha, produzido pelo estúdio *Blue Sky* e com parceria subdividida com a FOX, que posteriormente assumiu outras parcerias. Seu caráter cômico juntamente com todo o enredo nos permitiu a curiosidade de assisti-lo a partir de uma ótica analítica. É comum que todos tenham assistido como forma de entretenimento, entretanto, o filme possui um enredo com grandes aspectos a serem analisados e discutidos.

O filme conta a história de cinco personagens principais: o mamute Manny, a preguiça Sid, o tigre Diego, o bebê Roshan e o esquilo e sua noz que delimita os momentos. O que torna a história bastante curiosa são os fatos que levam cada personagem a integrar um novo bando. O mamute que decide ficar para trás e não seguir o mesmo caminho do qual todos os animais da região estavam seguindo e acredita que não conseguirá mais ver sua espécie e, decide isolar-se; a preguiça que foi abandonada por sua família; o tigre dente-de-sabre que junto a seu bando, busca por vingança contra os humanos e comida para alimentar-se. O mesmo, fica encarregado da responsabilidade de raptar o bebê para seu bando; o bebê que foi salvo por sua mãe dos tigres e entregue ao mamute e à preguiça; e, por fim, o esquilo que incansavelmente tenta enterrar sua noz e falha em suas tentativas.

Um dos pontos que este filme nos apresenta, direcionado para a área da educação, é a questão da educação inclusiva, que faz-se notadamente em todo o enredo pelo qual as três diferentes espécies (mamute, preguiça e tigre) com todas as suas peculiaridades e características próprias, conseguem avançar para além de suas diferenças, a fim de chegar ao objetivo comum, a entrega do bebê.

De acordo com a ODS (Objetivos do Desenvolvimento Sustentável) em seu 4º (quarto) objetivo, que versa sobre a qualidade da educação, em seus tópicos sugeridos, diz o seguinte:

A relevância da educação inclusiva e equitativa e de qualidade e oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos (aprendizagem formal, não formal, informal, incluindo a utilização das tecnologias de informação e comunicação - TIC) e em todos os níveis para melhorar as vidas das pessoas e promover o desenvolvimento sustentável (UNESCO, p. 23, 2017).

Segundo esse ODS, a educação deve ser desenvolvida nesses 4 pilares - inclusiva, equitativa, de qualidade e de oportunidade. Dentro da obra, é possível observar esse olhar inclusivo na aceitação e no agrupamento de diferentes espécies buscando alcançar o objetivo principal; na equidade ao proporcionar a oportunidade do bebê chegar até seu “bando” e pela qualidade protetiva, afetuosa e amorosa na relação entre os personagens.

No decorrer do filme se percebe que cada personagem possui um grau de abandono ou de isolamento. E isso faz com que eles se unam para chegar ao objetivo principal, que é entregar o bebê para o homem. Esse olhar para o outro e para ajudá-lo, é um dos acontecimentos mais significativos que ocorrem dentro da animação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na elaboração deste texto conseguimos identificar através do material audiovisual menções acerca da questão da sobrevivência e o domínio do homem sobre a natureza e seus recursos naturais.

Nos dias atuais, utiliza-se dessa prática animalesca para gerar lucro e movimentar o capital. Passando de necessidade de sobrevivência para “necessidade” econômica. Aqui esbarramos na concepção crítica da Educação Ambiental. Essa concepção entende que o principal problema hoje é o capitalismo, que transforma todo recurso natural em mercadorias de consumo, em sua maioria não duráveis.

Conforme Pinto e Zacarias (2010, p. 45):

Esse processo de saqueamento dos recursos naturais tornou-se uma guerra de extermínios: animais mortos em numerosas zonas do planeta; ouro e prata pilhados da América, convertidos em moeda; destruição das florestas com a introdução da agricultura; e retirada de madeiras para a transformação em carvão.

Essa retirada em massa dos recursos naturais demonstra como a “guerra de extermínio” tem afetado o modo de vida dos seres vivos, que resulta principalmente na extinção de várias espécies, a exemplo dos animais presentes no filme (mamute, e tigre dente-de-sabre) e a degradação do meio ambiente.

A sensibilização humana sobre suas ações ao meio ambiente, torna-se cada vez mais superficial. Pautado no paradigma do suposto desenvolvimento do país, que sustenta o modelo de acumulação e consumo.

Além disso, o filme contempla a questão do movimento migratório e a disputa por alimentos entre os animais e os humanos. Dois episódios marcam essa passagem: o primeiro em que Sid come uma flor, que era o alimento dos rinocerontes e o segundo, em que o quarteto disputa uma melancia com os pássaros. Apesar de muito

divertida, a cena reflete nos dias atuais, em um cenário onde milhões de pessoas são deslocadas por desastres ambientais, muitos relacionados diretamente com as crescentes mudanças climáticas e a escassez de alimentos, consequentemente, afetam as populações mais pobres.

Portanto, ao analisarmos o filme deste ângulo, entendemos e chegamos às discussões relatadas acima. E como resultado, podemos assimilar que desde os primórdios dos tempos, o homem vem fazendo mudanças na natureza em seu próprio benefício. A princípio apenas para sobrevivência, posteriormente, gerou-se o consumo desenfreado que vemos atualmente.

Deste modo, podemos dizer que, cada animal possui um habitat natural, entretanto o homem faz de todo território que tem domínio, seu habitat. Quase sempre tirando mais do que precisa. Sendo assim, percebemos que, o homem é o animal mais perigoso da terra, pois além de retirar recursos, adapta seu habitat a fim de benefício próprio. Quase nunca é apenas por sobrevivência, e sim por ambição. E se desta forma continuar fazendo, levará o mundo a sua degradação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos decorridos neste capítulo, concluímos que, a participação coletiva dos seres, tanto na animação “Era do Gelo 1”, quanto na vida real, capacitam-nos a sermos melhores, conosco e com o mundo ao nosso redor. Havendo deste modo, respeito pela vida de outrem e os ensinamentos que adquirimos um com o outro.

A animação de “A Era do Gelo 1” remete um olhar diferenciado para as espécies da natureza pelo espaço-tempo em que ocorrem as cenas e cada modificação no meio ambiente e com os personagens em si.

Portanto, ao analisarmos o filme obtivemos como ganho a compreensão do conhecimento adquirido pelo professor, que se faz a partir de sua vivência pedagógica na sala de aula e no seu dia a dia. E esse material produzido, a partir das leituras de textos, artigos, vídeos e reflexões dos mesmos, foi essencial para despertar em cada um de nós o desejo de conhecer, viver e fazer os princípios e as práticas da Educação Ambiental, permitindo ampliar nossa visão, a partir da contextualização do filme, pois foi necessário novas leituras da própria vida, das emoções e fazer uma leitura mais crítica das questões ambientais e, possivelmente, despertar nas crianças a partir de uma obra audiovisual, sua criticidade em relação aos problemas ambientais que ocorreram, lembrando que esta é um sujeito transformador e receptor de suas próprias ações.

REFERÊNCIAS

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LEITE, J. C. Do mistério das eras do gelo às mudanças climáticas abruptas. **Scientle Studia**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 811-39, 2015.

PINTO, V.; ZACARIAS, R. Crise Ambiental: Adaptar ou transformar? As diferentes concepções de educação ambiental diante deste dilema. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 39-54, set 2009/fev 2010.

SAUVÉ, L. Educação Ambiental: Possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317 - 322, maio/ago.2005.

UNESCO. **Educação para os Objetivos do desenvolvimento sustentável- Objetivos de aprendizagem**. (S.I), 2017.

VASCONCELOS, C. A. V. Possibilidades para a inserção da educação ambiental na formação docente. **Espaço Pedagógico**, v. 24, n. 2, Passo Fundo, p. 338-352, maio/ago. 2017.

CAPÍTULO 3

PASSEANDO PELO MUNDO E REFLETINDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA INSERÇÃO DAS CRIANÇAS NA NATUREZA: UMA ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO “O COMEÇO DA VIDA 2: LÁ FORA”

*Andreza Tavares Leal
Daniely Hannah Alencar de Almeida
José Lucas Bentes da Cunha
Norita Rodrigues de Oliveira
Felipe da Costa Negrão*

DOI: 10.46898/rfb.9786558890416.3

INTRODUÇÃO

O documentário “O Começo da Vida 2: Lá Fora” (Maria Farinha Filmes; Instituto Alana; Fundação Boticário, 2020), discute a importância das iniciativas que promovem o contato das pessoas com a natureza, apesar de vivermos em uma época de crescente expansão do capitalismo e consumismo. O documentário audiovisual está composto por inúmeros relatos de especialistas da área, pais, crianças e adolescentes que revelam a importância do contato com a natureza desde os primeiros anos de vida.

A produção visa, sobretudo, demonstrar as experiências genuínas entre as crianças e adolescentes com os elementos da natureza, os espaços não formais e as experiências com o meio ambiente. Tem por objetivo conhecer e nos fazer refletir sobre as práticas cotidianas que podemos estabelecer na vida das crianças e adolescentes, para que estes possam revolucionar o mundo através das suas práticas ambientais, desde a sua primeira infância. Dessa forma, teremos realizado um trabalho rico e significativo, gerando um sentimento de sensibilização e pertencimento ambiental na vida do ser humano.

O documentário inicia-se ilustrando que desde a infância demonstramos prazer pela natureza e os seus elementos, ficamos curiosos ao ver um animal, um inseto, uma árvore diferente, se visualizamos uma poça de água/ lama sentimos vontade de explorá-la. No entanto, vivemos em um processo de urbanização nessa nossa sociedade ultra capitalista, que o seu principal objetivo é cimentar, verticalizar, diminuir as áreas verdes e reduzir as áreas de lazer, e assim, impedindo as crianças de vivenciarem essas experiências enriquecedoras com a natureza.

Apesar de termos uma natureza ampla em nosso meio, os estudos demonstram que só 4% das crianças de fato exploram livremente o ambiente ao ar livre, a natureza. E onde estão o restante dessas crianças? É possível visualizar que, a maioria dessas crianças estão em ambientes fechados, “explorando” as mídias sociais e sendo influenciadas cada vez mais pelo consumismo.

Um dos estudiosos participantes do documentário, Scott D. Sampson (2020), afirma que “atualmente, temos índices desenfreados de obesidade, déficit de atenção, depressão, diabetes e até casos de miopia, porque as crianças estão sempre em espaços fechados e privadas de vivenciarem experiências na natureza”. E dessa forma, como vamos estabelecer um sentimento de sensibilização ao pertencimento ambiental, se estamos sendo privados dessa conexão com o meio ambiente natural?

Para Richard Louv (2016), autor do livro “A última Criança na Natureza”, a urbanização vai continuar crescendo, e isso significa que ou os seres humanos vão continuar perdendo qualquer contato com o meio natural ou, um novo tipo de cidade deve surgir. Contudo, “Precisamos de mais natureza onde moramos, trabalhamos, aprendemos e brincamos”.

Sendo assim, esse documentário nos mostra o lindo trabalho que muitas instituições do mundo todo estão promovendo, para pensarmos e trabalharmos práticas de sensibilização ao pertencimento ambiental desde a primeira infância.

A NATUREZA DEVE FAZER PARTE DO NOSSO LAR

É possível visualizar nas primeiras cenas do documentário, os relatos das crianças que moram nos centros urbanos e que nunca tiveram contato com a natureza, nem nos ambientes onde estudam. Ao analisar a realidade dos espaços escolares dessas crianças, observam-se locais sem espaços ambientais para que a mesma pudesse ter liberdade de ativar seus mecanismos naturais de desenvolvimento, como por exemplo correr, cair, equilibrar, caminhar, interagir com outras crianças no ambiente, ativar a curiosidade, encontrar respostas, dentre outras.

O documentário enaltece desde início a relevância da Alfabetização Científica no desenvolvimento das nossas crianças, tendo em vista que é uma forma riquíssima de compreensão do mundo e do ambiente natural em que vivemos. Sobre isso, Andrade e Morhy (2020) argumentam que o ensino de ciências é indispensável, devido à função de vivermos em uma sociedade complexa, em constante modificação no qual as informações e elementos resultantes do conhecimento, são gerados através do desenvolvimento científico e tecnológico, que está presente no cotidiano e na sociedade.

Muitas crianças exibidas no documentário, relatam se sentirem bem ao estarem inseridas com a natureza, aprendendo de forma dinâmica e desfrutando da realidade do ambiente, despertando suas curiosidades a fim de que desenvolvam seus movimentos cognitivos e motores. É interessante que essa parte do documentário aborda um dos assuntos estudados ao longo da disciplina de Educação Ambiental que são os espaços não formais, lugares que se configuram como alternativas didáticas para o ensino de ciências, principalmente, com o intuito de romper e superar o ensino tradicional, pautado apenas em aulas expositivas, pouco dialogadas, abuso e mau uso do livro didático, bem como a descontextualização, tão presente nas práticas de nossos professores contemporâneos (JACOBUCCI, 2008).

Nossos recursos naturais estão cada vez mais distantes da realidade de nossas crianças e isso gera um impacto enorme na preservação do meio ambiente. Em mo-

mentos do documentário, alguns especialistas demonstram muita inquietação sobre como será o futuro do meio ambiente em nosso planeta nesse processo de urbanização crescente cada ano que passa.

Até 2030 as expectativas são de que os impactos ambientais sejam “menores”, porém o que vemos é cada vez mais destruição dos ambientes naturais, sem garantia nenhuma de reconstrução. Até chegar nessa década, muitos países membros da ONU se comprometeram a seguir alguns dos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) e no próprio documentário os especialistas alertam sobre o que poderá ocorrer com nosso meio ambiente se os países não cumprirem o acordo feito para melhoria dos impactos ambientais no mundo e melhoria de vida dos cidadãos.

Um dos 17 ODS está em “proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade”. Até 2030, conter o desmatamento é importante para evitar processos de desertificação. É importante também preservar a biodiversidade e as espécies ameaçadas, controlando a caça ilegal e o tráfico de espécies da fauna e da flora.

Em momentos do documentário, as crianças se expressam de maneira firme sobre suas convicções a respeito dos impactos que são gerados nos ambientes naturais ocasionados por nós seres humanos. Fica pois a reflexão: Que futuro daremos às próximas gerações se não cuidarmos do que ainda temos de recursos naturais?

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O documentário "O Começo da Vida 2: Lá Fora" discute a importância das iniciativas que promovem o contato das crianças com a natureza apesar da crescente expansão da urbanização. Para afirmar seu posicionamento, conta com as falas de estudiosos e especialistas na área, profissionais da educação, pais de crianças, médicos, líderes de associações, antropólogos, crianças e adolescentes de várias faixas etárias, entre outros.

Por muitos anos o ser humano viveu integrado com a natureza, tendo contato direto com ela todos os dias e dela dependendo diretamente para sua sobrevivência. Ao longo dos anos e principalmente com o processo de urbanização esse contato foi diminuindo, a ponto do ser humano muitas vezes sentir-se a parte da natureza, não percebendo que faz parte dela.

No decorrer do documentário são citadas comparações entre o estilo de vida antigo e o atual, alguns pais de crianças comparam suas infâncias com a dos seus filhos e

afirmam que passavam mais tempo ao ar livre, brincando na rua e que não permitem que seus filhos façam o mesmo devido à violência e criminalidade dos dias atuais.

A mudança de estilo de vida afetou a infância, crianças do século XX tinham mais tempo ao ar livre e mais contato com o meio ambiente, as crianças do século atual passam bastante tempo em ambientes fechados e isso refletiu na sua relação com o mundo natural, criando barreiras e prejudicando a afetividade e o sentimento de pertencimento em relação a natureza.

A antropóloga Jane Goodall (2020), afirma que ao destruir o meio ambiente estamos prejudicando o futuro das crianças, diminuindo as oportunidades de interação com a natureza prejudicamos as interações sociais.

Também fazem críticas ao mal uso do espaço escolar, no qual acaba se priorizando construções de cimento e ocupando cada pedacinho de terra, com a desculpa de que é trabalhoso manter e cuidar, utilizando a natureza como mera decoração e acessório, quando na verdade ela pode ser utilizada como recurso didático e ferramenta para auxiliar no desenvolvimento infantil.

Sendo assim, a Educação Ambiental é uma forma de aliar a experiência de sala de aula, tão necessária à formação, com a necessidade humana de fazer parte da natureza. Para Branco (1998), podemos dizer que a EA é todo processo cultural que objetiva a formação de indivíduos capacitados a coexistir em equilíbrio com o meio. Processos informais, não formais e formais já estão sensibilizando muitas pessoas e intervindo positivamente, se não solucionando, despertando para o problema da degradação crescente do meio ambiente, buscando novos elementos para uma alfabetização.

Na Educação Infantil, o brincar deve fazer parte da rotina diária, então aliar essa atividade com brincadeiras ao ar livre, em contato com a terra, a água com seres vivos tornaria o aprendizado muito mais rico. Especialistas citam benefícios dessa exposição ao ar livre, tais como aumento da atividade física, melhora do equilíbrio e coordenação motora, auxilia também na saúde mental da criança.

David Sobel (2020), professor no Departamento de Educação da *Antioch University New England*, afirma que problemas comportamentais e brigas entre crianças ocorrem com menos frequência em turmas que passam tempo ao ar livre ou em contato com a natureza, além de perceber aumento nas brincadeiras criativas, espontâneas, com bastante uso da imaginação, pois na natureza há uma gama de objetos e materiais que podem ser ressignificados dentro de uma brincadeira. Um galho, uma folha, pedras, penas, por exemplo, são usados pelas crianças para brincar e criar, e durante esse

processo são adquiridos conceitos de forma natural. Logo, compreender e ressignificar também são palavras chaves no processo.

Dessa forma, podemos perceber que utilizar os espaços educativos não formais é positivo e incentivado, no sentido de que irá proporcionar novas experiências, contato com novos ambientes e infinitas formas de adquirir conhecimento.

Frequentar os espaços educativos não formais também proporciona a interdisciplinaridade, que é a possibilidade de trabalhar diversas disciplinas ao mesmo tempo, sendo assim não é necessário somente focar em uma única disciplina ao levar as crianças para um ambiente externo, cabendo ao educador observar as oportunidades e potencialidades do lugar à sua volta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário “O começo da vida 2 - Lá fora” busca sensibilizar de um modo geral, a sociedade, educadores, além do poder público para a importância da veiculação dos espaços não formais como espaços de propagação de conhecimento, interação com a natureza, formação da consciência ambiental e valorização dos ambientes naturais em que estamos inseridos.

No processo de ensino e aprendizagem, Paulo Freire (1996) enfatiza a relevância de se construir uma consciência crítica no processo de formação da prática educativa. As disciplinas trabalhadas nos anos iniciais de escolarização das crianças são disciplinas importantes no processo de desenvolvimento científico do aluno. Desta forma, o documentário propiciou uma análise bastante prazerosa para nós educandos, instigando a curiosidade e a participação e integração coletiva durante a atividade.

Evidencia-se, portanto, o objetivo central da disciplina, a luta por uma Educação Ambiental que retifica o olhar dos seres humanos, sobre suas atitudes e práticas no espaço em que estão inseridos. Assim como no documentário “O começo da vida 2 - Lá fora”, numa busca incansável pela sensibilização e valorização de uma maior conexão destes indivíduos com a natureza, a EA enfatiza os benefícios que esta relação pode trazer para a saúde física, mental e emocional de crianças, adultos e educadores. A disciplina de Educação Ambiental almeja, em sua singeleza, um presente educativo de informação, conscientização e preservação, além disso, um futuro revolucionário para este planeta.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. N. de.; MORHY, P. E. D. **Práticas pedagógicas: Ciência em espaços educativos não formais**. Rio de Janeiro: E-publicar, 2020.

BRANCO, S. M. **O meio ambiente em debate**. São Paulo: Moderna, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JACOBUECCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para formação da cultura científica. **Revista Em extensão**, v. 7, n. 1, 2008.

UNESCO. **Educação para os Objetivos do desenvolvimento sustentável- Objetivos de aprendizagem**. (S.I), 2017.

O COMEÇO DA VIDA 2: LÁ FORA. Renata Terra: México; Chile; Peru; EUA: Maria Farinha Filmes; Fundação Grupo Boticário, 2012-2020, 1 documentário (1h e 32min): Sonoro, colorido.



CAPÍTULO 4

PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS, TRANSFORMAÇÃO E QUALIDADE DE VIDA: UMA ANÁLISE DO FILME “O MENINO QUE DESCOBRIU O VENTO”

*Beatriz da Paz Queiroz Sardinha
Bruna Milena da Silva Nogueira
Joyce da Costa Moreira
Kátia Cristina de Menezes Santos
Felipe da Costa Negrão*

DOI: 10.46898/rfb.9786558890416.4

INTRODUÇÃO

O presente capítulo tem a intenção de destacar e discutir problemáticas abordadas no filme “O menino que descobriu o vento” coproduzido pela *Participant Media*, *BBC Films*, *British Film Institute* e *Potboiler Productions* em 2019. O filme versa sobre o meio ambiente e seu impacto sobre as pessoas.

As questões ambientais na atualidade estão sendo discutidas em virtude da necessidade de mudanças em relação à degradação do ambiente. A educação, nesse sentido, deve ser ressaltada como elemento fundamental para a transformação da sociedade, viabilizando o desenvolvimento de uma nova ética, distinta daquela norteadora de uma sociedade de consumo. Por isso, suas atividades devem permitir aos alunos formarem opiniões que lhes permitam concretizar ações a favor de uma causa coletiva e, desta forma, exercer sua cidadania.

O filme é baseado em fatos reais, na história de William Kamkwamba, garoto de 14 anos que mudou a realidade do país africano Malawi. Uma forte seca assolava o vilarejo onde ele vivia, impedindo plantações de crescerem e causando fome. Foi quando o jovem desenvolveu uma espécie de moinho e sistema de bombeamento de água, salvando toda a comunidade.

Na visão do protagonista, a escola era uma oportunidade de mudar a vida da própria família. No entanto, dificuldades financeiras, acentuadas pela seca, impediram o pagamento de mensalidade escolar, o que levou o garoto a aprender sozinho, apenas com apoio da biblioteca da escola.

O filme dá um grande exemplo de como a educação alinhada à sustentabilidade pode mudar a trajetória de um indivíduo e de quem está à sua volta. A compreensão dos problemas, a exploração de soluções a longo prazo, o incentivo às pesquisas, o acesso ao conhecimento disponível são lições que a trama traz aos telespectadores.

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PRÁTICA SOCIAL

O filme “O Menino que descobriu o vento” (2019) aborda a transformação da vida de uma comunidade por meio da dedicação, resiliência e persistência de um menino de 14 anos de idade quando construiu com sucatas um moinho de vento para a sua comunidade, produzindo energia eólica e assim, resolvendo um sério problema da região que era a falta de água decorrente de uma severa seca, uma vez que o país estava passando por dificuldades climáticas, econômicas e políticas.

Neste sentido, é possível entender que o posicionamento e as práticas sustentáveis, atreladas a uma postura que dinamize ações éticas potencializam um viés para a

transformação social e melhoria da qualidade de vida das pessoas. De acordo com o Artigo 3º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental “A Educação Ambiental visa à construção de conhecimentos, ao desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores sociais, ao cuidado com a comunidade de vida, a justiça e a equidade socioambiental, e a proteção do meio ambiente natural e construído.” (BRASIL, 2012, p.2)

E em seu artigo 2º, atesta que:

A Educação Ambiental é uma dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental (BRASIL, 2012, p.2).

Nesta linha de pensamento, é possível ressaltar a importância da prática social e de ações norteadas por conhecimentos científicos que a Educação Ambiental pode possibilitar aos estudantes no sentido de desenvolver um caráter social visando ao bem comum. Os princípios éticos devem ser inseparáveis dos processos e dinâmicas concernentes a essa prática.

No filme em análise, o drama causado pela severa seca em 2002 no Malawi, país situado no leste africano, pode-se perceber diversos fatores que acabaram contribuindo para o agravamento da realidade das pessoas daquela comunidade: questões climáticas, econômicas, políticas internas, especulação internacional e diante de inúmeras adversidades, William tenta de diversas formas contribuir para a sobrevivência de sua família e ainda contribuir para o bem social. Na escola, ele teve acesso a leituras sobre os moinhos de vento e sonhou em construir um que trouxesse para a aldeia o recurso que poucos poderiam ter, que era a eletricidade e água potável. O personagem não desistiu, pode-se dizer que ele persistiu, pois tentou de maneiras diferentes até conseguir êxito em suas ações.

Quando se pensa em ações que favoreçam o bem comum e social, pode-se ressaltar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS, estabelecidos na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, objetivos como: erradicação da pobreza; fome zero e agricultura sustentável; saúde e bem-estar; educação de qualidade; igualdade de gênero; água limpa e saneamento; energia limpa e acessível; emprego digno e crescimento econômico; inovação infraestrutura; redução das desigualdades; cidades e comunidades sustentáveis; consumo e produção responsáveis; ação contra a mudança global do clima; vida na água; vida terrestre; paz, justiça e instituições eficazes; parcerias e meios de implementação. Esses objetivos quantificam e qualificam ações para melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Nesta proporção, pode-se entender que as cenas que narram a história de William, baseada em fatos reais, demonstram que, mesmo imerso nas dificuldades de sua vida, o menino resolve agir e criar um sistema de energia eólica com materiais reutilizáveis, com coisas que as pessoas descartam no lixo. Isso é um exemplo de que podemos ser pessoas capazes de melhorar as nossas vidas e a vida das pessoas que estão a nossa volta.

A educação ambiental possibilita que o indivíduo enxergue claramente onde ele está e o que ele pode fazer em seu ambiente de convívio. Por isso a importância de entender que o ambiente tem suas especificidades, pois, segundo Dulley (1998, p. 22) “a noção de ambiente pode ser considerada como resultado do pensamento e conhecimento humano e do seu trabalho intelectual e físico sobre a natureza, e corresponde portanto à natureza trabalhada”.

Sendo assim, é importante a percepção do homem de um ambiente que ele não apenas vive, mas convive, buscando refletir sobre suas ações, e por este motivo a importância da Educação Ambiental desde muito cedo para que haja uma clareza e sensibilidade quanto às situações que causam impactos positivos ou negativos ao meio ambiente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Embora existissem inúmeras razões que motivaram o protagonista Willian a criar um moinho a fim de trazer recursos básicos para a sobrevivência de sua comunidade, há de se destacar uma de suas principais motivações: a educação.

Devido à forte seca, sua família, bem como outras famílias de Malawi, passavam por dificuldades financeiras, o que culminou no não pagamento das mensalidades da escola onde Willian estudava. Entretanto, Willian colocava toda a sua esperança por um futuro melhor na educação e estava certo, pois foi por meio da educação que ele conseguiu proporcionar melhores condições de vida para sua comunidade.

Às escondidas, na biblioteca de sua escola (onde, tecnicamente, não era mais bem vindo devido às mensalidades em atraso), Willian deu continuidade aos seus estudos sozinho, onde encontrou um livro de engenharia intitulado "*Using Energy*" que lhe despertou interesse. Na leitura inocente, desperta-se reflexões e aprendizagens que podem se encaixar em determinada solução para um problema, mesmo que nada tenha a ver com a temática do livro, pois "assim é que, diante de um livro, este sujeito leitor pode ser despertado por um trecho que lhe provoca uma série de reflexões em torno de uma temática que o preocupa e que não é necessariamente a de que trata o livro em apreço" (FREIRE, 1981, p. 45). Em um primeiro momento, não se pode prever,

em hipótese alguma, que a resposta para as indagações de Willian acerca dos problemas financeiros de seus pais e dos problemas políticos e sociais de sua comunidade, estariam nas páginas de um livro de engenharia. Contudo, deste livro, Willian extraiu todo o conhecimento necessário para transformar a própria realidade.

Não há nada que impeça que a educação vá além do contexto em que a escola está inserida, mas ela deve partir dele, oportunizando a participação da sociedade na construção e reconstrução de sua própria realidade, pois "[...] a educação é um problema de toda a sociedade e não propriamente do Estado, isto é, dos governos" (KRAWCZYK, 2018 p. 24). Como observado no filme, não era de interesse do Estado mudar a realidade do país, porém quando a sociedade sabe que não existem somente sombras, como no conto de Platão, ela se apodera de ferramentas para lutar contra o sistema.

Em "O menino que descobriu o vento", o protagonista lutou por condições melhores de vida com ênfase na educação, onde sua principal matéria prima foi a própria. Estudou sobre os materiais usados para a construção de um moinho a fim de trazer água e energia para a comunidade, e observou ao seu redor onde poderia consegui-los. Ele usou apetrechos que foram descartados por outras pessoas, como lixo. Ou seja, pode-se entender que a sustentabilidade começa na educação.

Willian, por meio da leitura de um único livro, conquistou o poder de transformar sua realidade e o colocou em prática. Consequentemente, transformou a vida de toda a sua comunidade, e mesmo sem essa intenção, fez da educação um ato político, assim como Freire (1986, p. 39) sugere ao afirmar que "além de um ato de conhecimento, a educação é também um ato político".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo apresentou discussões sobre o filme "O menino que descobriu o vento", produção audiovisual baseada em fatos reais, que conta a história de William Kamkwamba, um garoto que vive em Malawi com sua família em uma aldeia, um lugar devastado pela seca o que leva a todos/as no local a fome, a miséria, sem esperanças e perspectivas para um futuro. Mesmo em meio as dificuldades enfrentadas, William frequenta a escola com o pouco que contém, durante seus estudos o garoto acredita ter a solução para o enfrentamento das adversidades vivenciadas por todos, construir uma estação de energia eólica utilizando apenas sucatas de ferro velho que havia no local para a construção. A escola permitiu a William a forma de enxergar as coisas de uma forma diferente, tanto que o leva adiante em seu plano de livrar seu povo da seca.

O filme “O menino que descobriu o vento” contribuiu para nossa formação em Pedagogia nos trazendo/mostrando mais uma vez, o quanto a educação é relevante para todos/as e que realmente a escola é um espaço de esperança de um futuro melhor para muitos que desejam vencer.

A educação é um processo de humanização, “[...] cabe, também, à educação a responsabilidade de abrir as portas da mente e do coração e de apontar horizontes de construção partilhada de sociedades humanas mais humanizadas” (BRANDÃO, 2002, p. 22). Sendo assim, a aula audiovisual através do filme, contempla também a evolução de William enquanto ser humano e a não aceitação daquelas condições deploráveis não só para si e sua família, mas para todos os moradores de Malawi.

A análise do filme, contribuiu fortemente para nossa formação nos levando a refletir a respeito da educação, na relação, na interação e no convívio com outras pessoas, ou seja, perpassando a nós futuros educadores esse processo humanizador, pois “[...] o educador, ao definir uma determinada metodologia de trabalho, planeja, decide e produz determinados resultados formativo-educacionais que têm consequências na vida dos educandos [...]” (ZITKOSKI, 2006, p. 51).

É impactante pensar que a história do garoto William é tão real quanto a realidade de muitas pessoas que não tem acesso a uma educação de qualidade, no qual muitos alunos/as não tem a oportunidade e os recursos necessários para a formação precisa.

A educação está interligada ao contexto político, econômico, científico e cultural de uma sociedade, pois “a educação é uma ação constitutiva de ser humano [...]” (OLIVEIRA, 2006, p. 26). Sendo assim, a disciplina de Educação Ambiental, nos proporcionou o desenvolvimento de um olhar mais amplo e respeitador humano-mundo para com o meio ambiente e as pessoas, bem como através do filme, contemplamos o quanto a educação é necessária, relevante e que quando valorizada torna-se eficaz e é capaz de mudar o mundo.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**, Brasília, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao> Acesso em: 01dez. 2020.

DULLEY, R. D. Noção de Natureza, Ambiente, Meio Ambiente, Recursos Ambientais e Recursos Naturais. **Revista Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 15-26, 2004.

- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.
- FREIRE, P. **Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- KRAWCZYC, N. **Escola Pública**: Tempos difíceis mas não impossíveis. Campinas, SP: FE/UNICAMP; Uberlândia, MG: Navegando , 2018.
- OLIVEIRA, I. A. de. **Filosofia da Educação**: reflexões e debates. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- UNESCO. **Educação para os Objetivos do desenvolvimento sustentável- Objetivos de aprendizagem**. (S.I), 2017.
- ZITKOSKI, J. J. **Paulo Freire e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.



CAPÍTULO 5

A REALIDADE DOS CATADORES DE LIXO EM JARDIM GRAMACHO: CONTRIBUIÇÕES PARA A SOCIEDADE, RISCOS DA PROFISSÃO E UMA VISÃO HUMANIZADORA SOBRE A ROTINA DESSES TRABALHADORES

Amanda dos Santos Cavalcante

Ana Beatriz dos Santos Gouvêa

Débora Silva dos Santos

Suelen da Silva Moreira

Mateus da Silva Dias

Felipe da Costa Negrão

DOI: 10.46898/rfb.9786558890416.5

INTRODUÇÃO

Este capítulo tem o objetivo de refletir sobre o documentário “Lixo Extraordinário” (2010) e seus impactos sociais, trabalho desenvolvido pelo artista plástico brasileiro Vik Muniz que mostra a vida e rotina dos catadores de lixo do maior aterro sanitário do mundo: Jardim Gramacho em Duque de Caxias/RJ.

Esse documentário é um objeto de estudo rico em aspectos subjetivos da realidade social que podem promover análises significativas, reflexivas e filosóficas sobre a sociedade brasileira e o ser humano.

O capítulo está dividido em três seções, na primeira, abordamos aspectos do documentário articulando e fundamentando ideias com autores que estudam as questões ambientais. A segunda seção apresenta algumas reflexões sobre a subjetividade, necessidades e direitos dos seres humanos perante a constituição em relação a realidade dos catadores de lixo. E por fim, partimos para as considerações finais, apontando reflexões pedagógicas sobre o conteúdo desenvolvido no trabalho.

O documentário já era conhecido pelo grupo de autores e foi escolhido não só pelo impacto causado, como também por sua relevância para toda a sociedade a partir do trabalho realizado com os catadores de materiais recicláveis do Jardim Gramacho nos anos de 2007 e 2008.

O aterro localizado neste bairro gerava renda para muitas famílias, e os catadores selecionavam os materiais de acordo com as demandas solicitadas. Durante o projeto realizado pelo artista plástico Vik Muniz foram feitos registros fotográficos desses trabalhadores, tais fotos foram reproduzidas com os materiais coletados no próprio aterro e puderam trazer muitas melhorias para a associação dos catadores.

O agravamento das atividades e riscos nos lixões se dá a partir da sociedade cada vez mais consumista e da indústria focada no capital, a qual produz materiais menos duráveis, fazendo com que sejam descartados nestes aterros, principalmente pela ausência de coleta seletiva. Este descarte é causador de problemas e riscos não somente ambientais, como para a saúde pública.

As atividades do lixão de Jardim Gramacho foram desativadas no ano de 2012. Entretanto, Arteaga, Fayer e Vasconcelos (2016) afirmam que além da perda financeira dos catadores, houve também o agravamento do déficit da infraestrutura sanitária e urbana, logo, continua contribuindo para a poluição da região, pois as consequências e soluções da desativação não foram pensadas.

REFLEXÃO CRÍTICA-LITERÁRIA

O documentário *Lixo Extraordinário* apresenta um projeto do artista plástico brasileiro Vik Muniz que vivencia e retrata o cotidiano das pessoas que trabalham no maior aterro sanitário da América Latina, localizado no bairro Jardim Gramacho, no município Duque de Caxias/RJ. As gravações ocorreram de agosto de 2007 a maio de 2009. O aterro sanitário foi fechado em 2012, funcionando por 34 anos e foram depositados cerca de 70 milhões de toneladas de resíduos procedente de oito municípios do Rio de Janeiro.

O artista plástico Vik Muniz inicia o projeto de convivência com as pessoas que trabalham no aterro sanitário com a proposta de fazer obras de artes que retratem a realidade daquelas pessoas que trabalham no lixão com a participação delas e com o seu objeto de trabalho, além disso, o documentário retrata a vida desses trabalhadores, mostrando as condições críticas e de extrema pobreza que aquelas pessoas vivem, assim como falta de saneamento básico e o problema com a disposição com os resíduos sólidos.

A Norma Brasileira – NBR 10.004, aponta que:

Resíduos sólidos são resíduos nos estados sólidos e semissólidos, que resultam de atividade de origem industrial, doméstica, comercial, agrícola de serviços e de varrição. Ficam incluídos nesta definição os lodos provenientes de sistemas de tratamento de água, aqueles gerados em equipamentos de instalações de controle de poluição, bem como determinados líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou copos de água, ou exijam para isso soluções técnicas e economicamente inviáveis face à melhor tecnologia disponível (ABNT, 2006).

No decorrer do documentário percebe-se a escassez de saneamento básico, falta de políticas dentro do aterro que possam dar auxílio aos trabalhadores em questão da saúde e insalubridade no local de trabalho e em casa, já que muitos moram no próprio aterro. Ao decorrer das cenas que mostram as histórias de alguns dos trabalhadores percebemos que trabalhar no aterro não era vontade de nenhum deles, cada um foi trabalhar por consequência de alguma coisa, uma foi porque tinha que trabalhar para sustentar os dois filhos, uma outra que o marido se separou dela e levou sua filha embora, a outra porquê o marido perdeu o emprego.

Assim, de acordo com Fossá (2006), podemos fazer as seguintes reflexões sobre o lixo e seus desdobramentos nos aspectos humanos e sociais:

O lixo é tudo aquilo que ninguém quer para si e trabalhar com ele é certamente a última alternativa encontrada por esses indivíduos. Esse contato direto com o lixo, somado a paisagem degradante e ao cheiro do lixo contribui para formação de uma carga de significações, sejam elas externas ou internas, onde os catadores são confundidos com seu instrumento de trabalho o lixo. A opção de trabalhar no lixão e não na rua, onde os materiais são mais abundantes, deve-se à vergonha gerada pelo

trabalho com o lixo. Os catadores querem ser esquecidos enquanto desempenham seu trabalho, pois consideram um trabalho sujo e indigno (FOSSÁ, 2006, p. 6-7).

Podemos mencionar como fatores de risco ambiental e para os trabalhadores: a poluição dos rios próximos ao aterro provocado pelo chorume, assim como desmatamento, poluição do ar com as fumaças que são produzidas pelas máquinas usadas nos materiais coletados e pela queima do lixo. Uma das soluções seria adotar a coleta seletiva de lixo.

Sobre essas questões os Parâmetros Curriculares Nacionais do Meio Ambiente – PCN, apontam que:

De fato, o que se tem de questionar vai além da simples ação de reciclar, reaproveitar, ou, ainda, reduzir o desperdício de recursos, estratégias que não fogem, por si, da lógica desenvolvimentista. É preciso apontar para outras relações sociais, outros modos de vida, ou seja, rediscutir os elementos que dão embasamento a essa lógica (BRASIL, 2001, p.181).

Pensar em estratégias para os problemas que são mostrados no documentário é pensar em desenvolvimento sustentável que foi discutido na Agenda 2030, na oportunidade foram apresentados os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), desafios direcionados para o desenvolvimento da humanidade. Os ODS que podem ser destacados quanto ao documentário são:

Erradicação da pobreza – Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares;

Saúde e bem-estar – Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades;

Educação de qualidade – Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos;

Água potável e saneamento – Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos;

Trabalho decente e crescimento econômico – Promover o crescimento econômico sustentado,

inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo, e trabalho decente para todos;

Redução das desigualdades – Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles;

Vida terrestre – Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade.

Sendo assim, vemos que é capaz de darmos continuidade na luta para tornar tudo isso realidade, os ODS nos propõem táticas para que possamos ficar atentos nas formas e métodos de ajudar alguém, todavia, o governo deve estar suscetível a colaborar com essas mudanças. A vida dos moradores/trabalhadores do aterro sanitário poderia ser diferente, com trabalhos formais e uma remuneração digna de suas capacidades, uma vez que, crianças e adolescentes não deveriam estar dedicando essa época da vida sendo catadores, deveriam estar estudando e se divertindo, mas a realidade é

difícil para muitas famílias, principalmente as que foram retratadas neste documentário.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nos primeiros minutos do documentário, o senso e olhar pedagógico é despertado, quando o artista plástico Vik Muniz apresenta sua coleção intitulada de “As Crianças de Açúcar”, no qual retrata e captura as expressões de crianças caribenhas. Sobre isso, destacamos o seguinte comentário do artista:

Eu imaginava o desenvolvimento daquelas crianças belas e incríveis em um adulto que fosse igualmente feliz, pois era um paraíso. Mas os pais delas eram muito tristes, cansados, fadigados. Pessoas que trabalhavam turno de 16 horas nos canaviais. Eu pensava no que estava faltando na transição aquela infância e dos adultos desolados. Era o açúcar. A doçura foi tirada daquelas crianças [sic].

Assim, percebemos a importância de entender o papel do meio no qual a criança está inserida, o contexto no qual ela faz parte e que isso pode ser fator determinante sobre sua vida, futuro, trabalho, escolhas, preferências e acesso às necessidades humanas básicas. E, isso, reflete fortemente na construção da sua personalidade e no seu desenvolvimento cognitivo, logo nos atentamos para a importância de quebrar os “vícios hereditários” pois a educação pode ser libertadora e um caminho transformador e emancipatório para o sujeito.

O artista ao mostrar o mapa e a localização do Jardim Gramacho em Duque de Caxias/RJ (considerado o maior aterro sanitário do mundo) e as imagens do lugar, no computador por meio do *Google Earth*, já faz considerações significativas:

É o fim da linha. Dê uma olhada na geografia da área. Aqui é o fim da linha. É para onde vai tudo que não é bom, incluindo pessoas. Os tipos de pessoas que trabalham lá, na sociedade brasileira, não diferem do lixo. Creio que a coisa mais perniciososa na cultura e na sociedade brasileira é o classicismo. É horrível como as pessoas realmente acreditam nisso. Falo das pessoas instruídas, elas acreditam que são melhores que as demais [sic].

Com isso, podemos refletir sobre como o ser humano é instruído, visto que é culturalmente enraizado, se tornar elitista e preconceituoso perante as diferenças, principalmente sociais e econômicas, ou seja, as pessoas que vivem em condições extremamente precárias, no “lixão”, como mostra o documentário, revela claramente que elas vivem à margem das pessoas, das leis, dos direitos e deveres do cidadão, mas vale salientar que conforme nossa Constituição Federal [1988], ao enxergarmos as condições de desumanidade que essas pessoas vivem é uma contradição que fere, gravemente, essa Constituição, pois não cumpre, concretamente, as necessidades básicas para a sobrevivência do ser humano, sem acesso à educação, por exemplo.

A demanda no aterro sanitário era de acordo com que as fábricas e indústrias do entorno precisavam, isso norteava o trabalho dos catadores, sendo um trabalho essencial e indispensável para a sociedade. No Jardim Gramacho, os catadores (3.000 trabalhadores) tiram, aproximadamente, 200 toneladas de recicláveis por dia, ou seja, aumentando a vida útil em Duque de Caxias.

Outro ponto importante é notar a naturalidade das pessoas com o trabalho e com o ambiente, pois elas conversam, sorriem e interagem entre si. No entanto, é possível captar também, a existência de um vazio na expressão e no olhar das pessoas, revelando a vontade de melhorias e mudanças.

O mais impactante é que as pessoas que trabalhavam no lixão, se adaptaram aquela vida e rotina, e mais, sua renda financeira para sobreviver é gerada por aquele lugar e trabalho exercido. Então, podemos pensar em fiscalizações para promover um trabalho seguro e digno, no entanto, é necessário para além disso, torna-se uma discussão macro e com efeitos que perpassam por muitas questões e interesses políticos, visibilidade e desenvolvimento e aplicação de políticas públicas e promover acesso, em geral, para essas pessoas.

O documentário traz uma questão e reflexão social muito importante ao mostrar a vida das pessoas que vivem em situações de extrema pobreza e que trabalham no lixão. Os relatos que vão aparecendo ao longo do filme, mostram as dificuldades de vida encontradas pelos catadores de lixo. Uma das características que podemos observar é a invisibilidade sobre essas pessoas, pois são marginalizadas pelo próprio governo ao causar a segregação da sociedade. Outro fato observado é que os filhos dos catadores de lixo seguem aquela rotina, como se fosse uma passagem de gerações para uma vida/trabalho que lhe espera no futuro.

Ao analisar o documentário a reflexão que fica é que precisamos repensar dois aspectos importantes, a realidade social vivida por pessoas que vivem à margem da sociedade e a forma em que consumimos, compramos e descartamos nossos bens materiais, pois de certa forma estamos contribuindo para um ciclo que polui cada vez mais o meio ambiente gerando uma grande quantidade de lixo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Jardim Gramacho, localizado na periferia do Rio de Janeiro, foi o palco para que tudo acontecesse, onde cerca de 15.000 pessoas ganhavam a vida trabalhando sob aquelas condições. Diariamente os catadores vasculhavam montanhas de lixo na expectativa de encontrar algo que pudessem revender e tirar lucro disso. Tais trabalha-

dores sentiam orgulho ao compartilhar sua ajuda ao meio ambiente e em como eram felizes por tirar seu dinheiro de um trabalho honesto.

O chefe da Associação de Catadores demonstrou um saber inigualável que construiu a partir da leitura de livros encontrados durante suas horas buscando materiais em meia ao lixo. Porém, se por um lado o lixo é extraordinário, a vida dessas pessoas não é extraordinária. Não podemos romantizar o fato de terem um trabalho, sem levar em conta a situação deplorável onde estão tentando faturar um pouco, suas vidas não são agradáveis ou fáceis, por mais que esbanjem simpatia e conhecimento, temos que demonstrar um olhar crítico sob como a sociedade falhou ao ponto de deixar milhares de pessoas dependendo da coleta de lixo, é um trabalho útil e valioso, todavia, esse meio é miserável.

O documentário nos faz refletir muito a respeito disso, principalmente sobre o fato de que o lixo pode sim ser belo, os membros que nos são apresentados, desde o artista até os catadores, são pontos-chaves para que a obra vá tomando um rumo crítico e artístico, mostrando que a arte contemporânea pode vir até mesmo de um lixão na parte menos favorecida do Rio de Janeiro, desmentindo a ideia de que produções artísticas devem ser algo elitizado e apenas para membros da alta sociedade.

Os pedagogos e futuros pedagogos devem apreciar essa obra audiovisual, pois ela é fundamental para a construção de um saber crítico/reflexivo sobre a Educação Ambiental (EA), além do mais, ajuda muito os profissionais que estão estudando sobre os ODS e pretendem buscar sobre como colocar esses conhecimentos em prática.

A EA tem essa importância na nossa vida e na vida de nossas crianças, esse retrato da realidade é fundamental para que possamos continuar o trabalho árduo de mudar o mundo e formarmos uma sociedade com pessoas mais conscientes.

REFERÊNCIAS

ARTEAGA, D. M.; FAYER, A. S.; VASCONCELOS, L. B. Parque Gramacho: Ressignificação de um Lixão. **Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, Porto Alegre, 2016.

ABNT [Associação Brasileira de Normas Técnicas]. **Resíduos Sólidos: Classificação**. NBR 10.004. Rio de Janeiro: ABNT, 2006.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares nacionais: Meio Ambiente e saúde**. 3ª ed. Brasília: Ministério da educação. Secretaria da educação fundamental, 2001.

BRASIL. Constituição 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2019.

LIXO EXTRAORDINÁRIO. Lucy Walker/João Jardim/Karen Harley/Hank Levine/Angus Aynsley. Rio de Janeiro, Duque de Caxias: 2010. (1h34m44s). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=V-lG67j1Lkg>>. Acesso em 03 dez 2020.

SOBRE OS AUTORES

Amanda dos Santos Cavalcante é estudante do 9º período de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Participante do PACE, intitulado “Práticas pedagógicas Inclusivas na Educação Infantil: uma parceria entre NEPPD e Divisão de Educação Infantil – DEI/SEMED/Manaus”. Participante do PIBEX “Na história contando histórias”. E-mail: amandacavalcante.santos@gmail.com

Ana Beatriz dos Santos Gouvêa é estudante do 9º período de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Participante voluntária de monitoria na disciplina de História da Educação I. Possui interesse na área da Filosofia da Educação. Autora de projeto de pesquisa na área de estudos da Filosofia para Crianças. E-mail: beatriz.gouvea878@gmail.com

Ana Lara Martins de Souza é estudante de Pedagogia do 9º período do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: annalaramartins2@gmail.com

Anderson Eduardo Baima Pereira é estudante do 9º período do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Pesquisador e monitor do Núcleo de Acessibilidade “Eu Apoio”. E-mail: andersonnstf@gmail.com

Andreza Tavares Leal é estudante do 9º período de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Participou de Projetos de Iniciação Científica na área de Educação Multisseriada na Zona Rural de Manaus. E-mail: andrezatavares23@gmail.com

Antonia Adrielle da Silva Reis é estudante do 9º período do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Participou do Programa de Iniciação Científica com os projetos “Escola e juventude: perspectivas de estudantes do ensino médio na cidade de Manaus” e “Juventude na Amazônia: uma análise das dissertações e teses dos programas de pós-graduação em educação das Instituições Federais de Ensino Superior da região Sul e Sudeste no período de 2013 a 2018”. E-mail: antoniaadriellereis@gmail.com

Beatriz da Paz Queiroz Sardinha é estudante do 9º período de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Tem interesse na temática de Educação Patrimonial no ensino fundamental. E-mail: beatriz.queiroz.sardinha@gmail.com

Bruna Milena da Silva Nogueira é estudante do 9º período de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). E-mail: bruna_milena@outlook.com

Daniely Hannah Alencar de Almeida é estudante do 9º período de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Participante de Projetos de Iniciação Científica, na área de Leitura Literária sob a perspectiva da relação entre a Criança e a Natureza. E-mail: daniely.alencardh@gmail.com

Débora Silva dos Santos é estudante do 9º período de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: deeborasantoos@gmail.com

Felipe da Costa Negrão é graduado em Pedagogia (2013). Especialista em Neuropsicopedagogia (2015), Didática do Ensino Superior (2015) e Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos (2019). Mestre em Educação em Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas (2018). Professor Assistente I do Departamento de Métodos e Técnicas da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), atuando nos temas de Ensino de Ciências e Matemática, Educação Ambiental, Estágio Supervisionado e Metodologias de Ensino. E-mail: felipenegrao@ufam.edu.br

Fernanda Cavalcante Gama é estudante do 9º período de Pedagogia, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) 2020-2021. Vinculada a Linha de pesquisa de Educação e Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional. E-mail: fernandacgama19@gmail.com

Jéssica Barbosa Sabóia é estudante do 9º período do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: jesskviolet@gmail.com

José Lucas Bentes da Cunha é estudante do 9º período de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Participou de Projetos de pesquisa na área de Gestão Escolar e Educação Ambiental. E-mail: lucas.bentes11@gmail.com

Joyce da Costa Moreira é estudante do 9º período de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: joycesmor1989@gmail.com

Kátia Cristina de Menezes Santos é professora na área de Gestão e integrante do quadro efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM; Especialista em Docência do Ensino Profissional, Técnico e Tecnológico pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM; Graduação em Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Estácio de Sá - UNESA; Estudante de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: katiacrisantos01@gmail.com

Larissa Oliveira de Sousa é estudante do 9º período de Pedagogia, pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Atualmente, encontra-se vinculada ao Grupo

de Pesquisa "Núcleo de Estudos, Experiências e Pesquisas Educacionais", da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: laraosousa@gmail.com

Letícia Costa de Oliveira é estudante do 9º período do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: leticia.costa03@gmail.com

Marcela de Lima Silva é estudante do 9º período do curso de Pedagogia, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Fez PACE com tema de Universidade Públicas. E-mail: marcelajasmine2017@gmail.com

Marilin Pereira de Souza e Souza é estudante do 9º período de Pedagogia, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Participa do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), atuante nos anos de 2018/2019, 2019/2020 e segue no ano atual ao ano de 2021. E-mail: marilinpereira22@gmail.com

Mateus da Silva Dias é estudante do 9º período de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Possui interesse de estudos na área de Psicologia da Educação e Psicopedagogia. E-mail: mateusdias315@gmail.com

Norita Rodrigues de Oliveira é estudante do 9º período de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Participou de Projetos de Extensão relacionados a Literatura Infantil e Contação de Histórias e Projetos de Pesquisas na área de Alfabetização e interdisciplinaridade. E-mail: nohrodrigues@gmail.com

Odelane Lima de Oliveira é estudante do 9º período do curso de Pedagogia, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC) - 2020/2021. E-mail: odelane.oliver@gmail.com

Rayanni Barroso Viana é estudante do 9º período do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: raybavy@gmail.com

Rubia Inácio Lopes é estudante do 5º período do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Bolsista de monitoria da disciplina de Educação Ambiental. E-mail: rubia.lopes.774@gmail.com

Suelen da Silva Moreira é estudante do 9º período de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: suelen.silvamoreira@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Amazonas 10, 12, 16, 47, 48, 49

Ambiental 9, 12, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 27, 28, 33, 34, 36, 48, 49

Ambiente 9, 13, 14, 15, 16, 18, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 34, 36, 44, 45

C

Consumo 12, 13, 14, 16, 20, 21, 32, 33

D

Desenvolvimento 14, 19, 33, 42, 48

Documentário 7, 23, 25, 27, 29

E

Educação 4, 9, 12, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 27, 28, 29, 33, 34, 36, 37, 42, 45, 47, 48, 49

F

Filme 7, 11, 13, 15, 31, 33, 35, 37

H

Humanos 9, 13, 15, 19, 20, 25, 26, 28, 33, 40, 41

L

Lixo 13, 15, 34, 35, 40, 41, 42, 43, 44, 45

N

Natural 14, 15, 20, 21, 24, 25, 27, 28, 33

Natureza 7, 17, 19, 21, 23, 25, 27, 29

S

Seres 9, 13, 14, 15, 20, 21, 25, 26, 27, 28, 33, 40

Sociedade 14, 15, 24, 25, 28, 32, 35, 36, 40, 43, 44, 45

Sustentável 10, 14, 19, 33, 42

V

Vida 12, 13, 14, 15, 19, 20, 21, 24, 26, 27, 28, 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45



EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS



EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS



Rfb
Editora